
A REVISTA BRANCA, SETENTA ANOS DEPOIS: FUNDAMENTOS, COLABORADORES E REPERCURSÕES

Em 1948, um grupo de jovens escritores, arregimentado por José Saldanha da Gama Coelho Pinto, ou Saldanha Coelho (1926-2006), formulou as bases de uma nova publicação editorial no Brasil. A *Revista Branca*, nome cunhado por sugestão do amigo Edvaldo Coutinho (1911-2007), guardava em sua idealização uma homenagem ao escritor francês Marcel Proust (1871-1922), cuja morte completaria vinte e cinco anos em 1949, através de *La Revue Blanche* (1889-1903), concebida pelos irmãos Alexander (1866-1936), Thaddeus (1868-1951) e Louis-Alfred Natanson (1873-1932). No contexto francófono, além de Proust, podemos citar as colaborações frequentes de André Gide (1869-1951) e Sthéfane Mallarmé (1842-1898), para citarmos apenas dois nomes vinculados ao movimento dos Natanson.

No Brasil, a proposta ganhou o tom destemido e criativo de seus articuladores. Os feitos de Coelho, na direção da revista, fizeram com que publicação dominasse o campo literário na década de 1950. A exemplo de *La Revue Blanche*, a organização durou pouco mais de dez anos.

Quando pensamos em algumas investidas da realização brasileira, vislumbramos melhor esse alcance. Em pouco mais de uma década, a *Revista Branca* publicou volumes de poesia, conto, romance, teatro, ensaio, crítica, história literária, filosofia e biografia.

Dessa vasta produção, apontamos como marcos a *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*, 1948; a *Proustiana brasileira*, 1950¹; um número especial em homenagem a Joaquim Nabuco (1849-1910), conduzido por Gilberto Freyre (1900-1987), 1950; o *Manifesto do Humanismo Universitário*, 1951; e o especial *Modernismo: estudos críticos*, 1954. O grupo foi responsável, ainda, pela publicação de diversas traduções poéticas realizadas por Augusto Meyer (1902-1970) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), além da divulgação de obras de Jack London (1876-1916), Willa Carter (1873-1947), Sherwood Anderson (1876-1941) e John Steinbeck (1902-1968). De John Dewey (1859-1952), por exemplo, lançou em português *Liberdade e Cultura*, 1953.

Sem restringir as abordagens teóricas das propostas, recebemos trabalhos que abordam movimentações intelectuais, artísticas, literárias, estéticas e políticas de seus fundadores, como Bráulio do Nascimento (1924-2016), Rocha Filho (1939-2008), Augusto Franco (1912-2003), Nataniel Dantas (1926-?) Renard Perez (1928-2015) e Fausto Cunha (1923-2004), além dos escritores que possuíram colaboração rotineira com o periódico, a exemplo de Lúcio Cardoso (1912-1968), Samuel Rawet (1929-1984), Lygia Fagundes Teles (1923-), que estrearam na revista, caso de Cardoso, ou que, durante muitos anos de suas carreiras, reconheceram nesse meio uma oportunidade para divulgar as suas produções entre pares e leitores em potencial.

Como parte de uma série de atividades desenvolvidas no Brasil em 1954, o escritor americano, ganhador do Prêmio Nobel, William Faulkner (1897-1962) participou de eventos, congressos e reuniões. Sem podermos retomar o encontro entre o americano e os editores da *Revista Branca*, eis que, do acervo de Saldanha Coelho, surpreende um bilhete, enviado por Faulkner, em que o jovem editor recebe conselhos e desejos de sucesso na carreira. A cópia doada aos organizadores do dossiê por Luciano Saldanha Coelho, filho e detentor do acervo, permitiu a Larissa da Costa da Mata (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC) o estabelecimento e a tradução da mensagem do escritor americano. O documento inédito que abre nosso dossiê parece estabelecer uma ética no trabalho com a literatura, algo que Saldanha Coelho cumpriu à risca ao longo de toda a sua produção intelectual, política e pessoal.

Outra alegria que o processo de edição do volume nos trouxe foi o aceite e a colaboração do escritor Carlos Nejar, amigo íntimo de Saldanha Coelho e colaborador da *Revista Branca*, e membro da Academia Brasileira de Letras – ABL. No texto "Saldanha Coelho: o escritor, o ativista, o político", o leitor terá acesso ao perfil de um intelectual muito atrelado àquela ética estabelecida por Faulkner. De fato, a verdade do trabalho de Saldanha Coelho sempre esteve ligada à disciplina e à característica agregadora de suas propostas.

¹ Em matéria recente, "70 anos da febre Proust", para o Caderno Alíás, do *Jornal O Estado de São Paulo*, Rodrigo

O texto de Natan Schmitz Kremer e Alexandre Fernandez Vaz (ambos da Universidade Federal de Santa Catarina), "A Sul e a Branca: literatura dos novos no Brasil pós-1945", localiza aquela que foi a iniciativa mais ousada de Saldanha Coelho, a *Revista Branca*, no âmbito editorial da literatura brasileira pós-1945. A exposição constrói um panorama completo das relações desse veículo com a *Revistas Sul* no processo de articulação da produção autoral no Brasil, dinamizando o cenário a partir da leitura não-maniqueísta de uma produção mais situada no eixo Rio-São Paulo e outra que poderia ser apenas lida como periférica. A partir da leitura das críticas do escritor Salim Miguel à *Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil*, o artigo situa o momento histórico/político de elaboração dessa crítica para apresentar "a relação de permuta entre as revistas, atentando ao processo de articulação nacional da literatura de jovens daquele momento". O artigo contempla ainda a avaliação de que, embora enfrentando problemas distintos, "*Sul* e *Branca* estavam envolvidas em movimento comum de produção autoral que marca todo o país a partir de 1945".

Os três próximos textos apontam para o rico manancial que a *Revista Branca* pode oferecer ao pesquisador em termos de pesquisa em literatura. Os dois primeiros, relacionados à documentos inéditos em livro, seguem a tônica da investigação de colaborações ilustres, seja no ensaio, na prosa ou na poesia, caso de Samuel Rawet e Lúcio Cardoso, respectivamente. O terceiro relembra a estreia de uma "figura loura vagamente distraída", nas palavras de Lygia Fagundes Telles. Trata-se do poema "Cancão do mundo", de uma Hilda Hilst então com vinte anos, apresentado por Telles.

No primeiro deles, o texto de Luciano de Jesus Gonçalves (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO/Universidade de São Paulo-USP), "'Josias, o Triste' primeira colaboração de Samuel Rawet para a *Revista Branca*", investiga a participação de Rawet no histórico da revista. Na primeira parte, o artigo identifica trabalhos, entre um conto, dez textos de crítica teatral e um drama, publicados entre os anos de 1950 e 1954. Na segunda, analisa o conto citado no título do escrito. Em conjunto, essas duas direções que o artigo adota "reforçam a participação de Rawet nesse empreendimento editorial, cultural e literário, destacando o interesse do escritor pelo teatro. Sinalizam, também, a ocorrência, em sua prosa curta, do tratamento das linhas de força que estarão presentes em sua coletânea de estreia, *Contos do imigrante*, de 1956: a perspectiva temporal diversa, a prioridade da personagem em conflito, a inserção da tradição judaica como motivo e a responsabilidade dos narradores para com os humildes".

No segundo, o artigo de Eduardo Marinho (USP), "Lucio Cardoso e a *Revista Branca*", mobiliza textos inéditos de Lúcio em duas contribuições para o periódico (o poema "Agora", em 1948; e "O véu da manhã", resenha de um livro de poemas de Elcio Xavier, escritor e colaborador da revista) para construir a argumentação. Além de um depoimento de Xavier, colhido especialmente para a construção do articulista, o artigo apresenta o poema "Agora", em um diálogo com a pintura *A Anunciação*, do pintor italiano Fra Angelico, e um cotejo desse poema "com outros dois poemas homônimos do autor, o primeiro publicado em *Poemas inéditos*; o segundo, recuperado por Ésio Macedo Ribeiro a partir do acervo do escritor e incluído na seção "Poemas Póstumos" da *Poesia completa*". O caráter investigativo do artigo contribui sobremaneira para os pesquisadores da obra de Cardoso ao lançar luz sobre materiais do escritor ainda inéditos em livro.

O texto de Juliana Caldas (USP) encerra esse ciclo de colaborações emblemáticas mantidas nas páginas da *Revista Branca* e apresentadas neste dossiê. Partindo de uma tópica constante na poesia de Hilst, a amizade, o trabalho sinaliza a relação de afeto entre duas das mais destacadas escritoras da literatura brasileira para construir uma leitura do poema "Canção do mundo". A estreante Hilda Hilst é apresentada ao leitor da *Revista Branca* por Lygia Fagundes Telles, amiga e entusiasta da jovem poeta jauense. O ano era 1949 e, nem longe, os leitores e as próprias escritoras poderiam imaginar os caminhos que a poesia e a escrita de Hilst, homenageada em julho na 16ª Festa Literária de Paraty, poderiam desembocar.

O próximo material a compor o dossiê é a entrevista "Luciano Saldanha Coelho, 'o herdeiro dos sonhos'", realizada por Luciano de Jesus Gonçalves (IFTO/USP) e Rodrigo Simon de Moraes (UNICAMP), com o advogado, professor e membro da Academia Brasileira de Filosofia, Luciano Saldanha Coelho. Filho do escritor Saldanha Coelho, o entrevistado colaborou ativamente para a realização do dossiê ao nos permitir o acesso às publicações da *Revista Branca*. Na entrevista, são repassados os principais tópicos da vida e obra do escritor Saldanha Coelho.

O material a que o público terá acesso com esse dossiê aponta para a diversidade e, na mesma proporção, complexidade das atividades editoriais desenvolvidas em torno da revista-editora. Entre documentos inéditos, depoimentos, entrevistas, análise de contos, de poemas e da constituição histórica do veículo, acreditamos que nossa iniciativa poderá provocar pesquisas futuras em torno de tais realizações. Que o dossiê e a marca dos setenta anos sejam o início de uma retomada do interesse e, por conseguinte, dos estudos acadêmicos em torno de Saldanha Coelho, de suas realizações e dos nomes que produziram para a *Revista Branca*.

Para além do dossiê temático a revista também apresenta cinco artigos em caráter de temática livre, para além de uma resenha e um poema inédito.

Organizadores

Andre Rezende Benatti (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS)

Luciano de Jesus Gonçalves (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins-IFTO/Universidade de São Paulo-USP)

Rodrigo Simon de Moraes (Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP)